

DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE A FOSFOETANOLAMINA SINTÉTICA NO BRASIL

ONSCIENCECOMMUNICATIONDISCOURSE:MEANINGEFFECTSREGARDINGSYN-
THETIC PHOSPHOETHANOLAMINE IN BRAZIL

DISCURSO DE DIVULGACIÓN CIENTÍFICA: EFECTOS DE SENTIDO SOBRE LA
FOSFOETANOLAMINA SINTÉTICA EN BRAZIL

Antônio Inácio dos Santos de Paula

■ Graduando na Universidade Federal de Santa Maria – campus Frederico Westphalen (UFSM/FW).

E-mail:

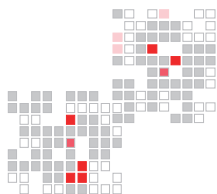
■ E-mail: inacioantoniodepaula@gmail.com

Marluza da Rosa

■ Docente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/FW). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Seus principais trabalhos são: Seleção e ingresso de estudantes refugiados no ensino superior brasileiro: a inserção linguística como condição de hospitalidade (2018), Ficções de si: a escrita entre línguas-culturas (2016).

■ E-mail: marluza.rosa@gmail.com.

162



RESUMO

Instigado pelo discurso jornalístico, este artigo ampara-se nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso e estuda o discurso da divulgação científica nas manchetes de duas reportagens televisivas sobre a Fosfoetanolamina Sintética, exibidas no Brasil, em 2015. A análise reflete sobre o processo de popularização da ciência e identifica como a heterogeneidade discursiva se manifesta nos enunciados, produzindo efeitos de sentido. Os resultados fornecem elementos para discutir a inter-relação: comunicação, cientificidade e apelo social.

PALAVRAS-CHAVE: ANÁLISE DO DISCURSO; JORNALISMO; DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA; FOSFOETANOLAMINA SINTÉTICA.

ABSTRACT

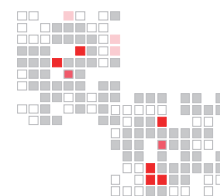
This article, inspired by the journalistic discourse and based on Discourse Analysis field, studies the science communication in two headlines extracted from televised feature stories concerning Synthetic Phosphoethanolamine, exhibited in Brazil in 2015. The analysis reflects upon the process of scientific popularization and identifies how the discursive heterogeneity is manifested in the utterances producing meaning effects. The results provide elements to discuss the interrelation: communication, scientificity and social appeal.

KEYWORDS: DISCOURSE ANALYSIS; JOURNALISM; SCIENCE COMMUNICATION; SYNTHETIC PHOSPHOETHANOLAMINE.

RESUMEN

Este artículo, inspirado en el discurso periodístico y basado en el campo del Análisis del Discurso, estudia el discurso de la divulgación científica en dos titulares extraídos de reportajes televisivos sobre Fosfoetanolamina Sintética, exhibidos en Brasil en 2015. Se refleja sobre el proceso de popularización de la ciencia e identifica cómo la heterogeneidad discursiva se manifiesta en los enunciados produciendo efectos de sentido. Los resultados proporcionan elementos para discutir la interrelación: comunicación, cientificidad y apelación social.

PALABRAS-CLAVE: ANÁLISIS DEL DISCURSO; PERIODISMO; DIVULGACIÓN CIENTÍFICA; FOSFOETANOLAMINA SINTÉTICA.



1. Introdução

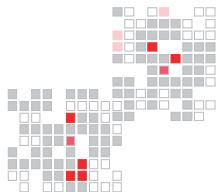
Em 2015, o Brasil foi tomado pela polêmica da fosfoetanolamina sintética. O químico da USP, Gilberto Quierice, afirmava ter desenvolvido uma fórmula da fosfoetanolamina que marcaria células cancerígenas, possibilitando que o corpo de quem a tomasse as combatesse. Desse modo, popularizou-se no Brasil a história de que um pesquisador da USP havia descoberto a cura do câncer, mas tinha sido proibido de vender e produzir o medicamento, devido ao interesse da indústria farmacêutica. O fato é que a comunidade científica, através das instituições competentes para avaliar e, portanto, testificar ou não a eficácia dessa substância, nunca havia realizado nenhum procedimento que comprovasse sua eficácia. Porém, Quierice já distribuía tal substância há anos e relatava seu poder de cura, assim como afirmavam alguns depoimentos de pacientes e familiares nas reportagens.

Todo o processo que envolveu o caso da fosfoetanolamina sintética faz analogia ao caso da talidomida que, na década de 60, por falta de testes clínicos, com sua liberação e comercialização, causou deformações em fetos (Focomelia). Criada em 1954, na Alemanha, a talidomida passou a ser comercializada, a partir de 1957, em 146 países, indicada no tratamento de náuseas para gestantes. Todavia, somente depois de oito anos foi retirada de circulação, mesmo havendo discussões médicas sobre os efeitos maléficos da droga. Situações como essas exigem muito da comunidade científica e, principalmente, da relação de poder-saber que circula através da divulgação científica.

Isso porque, em junho de 2014, o Instituto Abramundo, em parceria com a Ação Educativa e com o Instituto Paulo Montenegro, do IBOPE, realizou uma pesquisa sobre o letramento científico do brasileiro. O estudo apresentou dados que atestam a inaptidão da maioria dessa população para a discussão sobre essas substâncias, o que,

talvez, reflita na esfera política, muitas vezes, mobilizada para solucionar questões de saúde pública. No que concerne à fosfoetanolamina sintética, por exemplo, foram propostos e aprovados vários Projetos de Lei – dentre os quais se destaca o PL.4510/2016, de autoria do atual Presidente da República do Brasil, ainda enquanto Deputado Federal –, que legalizavam o uso da substância. Foram investidos mais de dez milhões de reais em pesquisas e, depois de um ano de estudos controlados com a fosfoetanolamina, o Instituto do Câncer de São Paulo apresentou um resultado que muitos já esperavam: a substância não tinha nenhuma eficácia clínica no tratamento contra o câncer. Em outras palavras, a fosfoetanolamina não funcionava.

Remontando a esse cenário, este estudo analisa, como recortes, as manchetes de duas reportagens televisionadas sobre a Fosfoetanolamina Sintética: “A Droga da Esperança” e “Fosfoetanolamina”, transmitidas pelos programas brasileiros Conexão Repórter (SBT) e Domingo Espetacular (Record), noticiários televisionados que possuem uma edição semanal. No que compete a esta análise, os enunciados foram retirados das edições exibidas nos dias 14 de novembro e 18 de outubro de 2015, respectivamente. A problematização teórico-analítica se volta à textualização dos discursos, de modo que o foco deste trabalho não incide sobre a materialidade audiovisual, mas sobre o linguístico-discursivo, em decorrência das limitações de tempo e espaço para esta problematização. Ancorado na Análise do Discurso (doravante AD), o estudo problematiza o funcionamento do discurso jornalístico, por meio da análise do discurso de divulgação científica, sobre questões acerca da ciência médica. Com isso, compreende-se como é dada a construção da informação científica e reflete-se sobre o processo de produção e circulação do discurso de divulgação científica. Simultaneamente, identifica-se de que modo a heterogeneidade discursiva se



manifesta nos dizeres e os seus possíveis efeitos de sentido.

O percurso teórico-metodológico aqui desenvolvido considera a linguagem e seu funcionamento, ao abordar discursos legitimados, portanto, autorizados na/pela sociedade. Explora-se, inicialmente, a noção de discurso como objeto próprio da AD, da qual decorrem as concepções de discurso jornalístico (Navarro, 2006; Schwaab e Zamin, 2014; Orlandi, 2001), discurso científico (Coracini, 1991; Zamboni, 2001) e discurso de divulgação científica (Orlandi, 2001; Zamboni, 2001; Oliveira, 2005). Para entendê-los, a discussão analítica ancora-se também nos estudos sobre a heterogeneidade enunciativa (Authier-Revuz, 1990; 2004). A seguir, apresenta-se uma leitura acerca do campo teórico-conceitual da AD, mais especificamente no que concerne às noções necessárias para o processo de análise do recorte, o qual será apresentado em seção posterior.

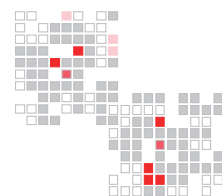
2. A noção de discurso

No que propõe o campo teórico-histórico da AD, que costuma ser lida em três momentos, consideram-se os estudos fundadores de Michel Foucault e de Michel Pêcheux. Para Foucault (2012), os discursos quase sempre aparecem como modo de coerção, possuem ordens próprias e impõem verdades, efeitos da relação desejo-poder e saber-poder, com a institucionalização dos saberes. Já Pêcheux (1990) considera que o discurso é pensado como um lugar de articulação da história, da língua e do sujeito, “ou mais precisamente no contato do histórico com o linguístico, que constitui a materialidade específica do discurso” (Pêcheux, 1990, p. 8). Tanto Foucault quanto Pêcheux tratam, em seus estudos, da linguagem enquanto discurso. Nesse prisma, algumas ponderações podem ser feitas acerca das perspectivas teóricas dos dois filósofos: Foucault “se relaciona tensivamente com uma

‘tríplice aliança’ – Nietzsche, Freud e Marx” (Gregolin, 2006, p. 53), ancorando-se mais especificamente nas “problemáticas da História e da Filosofia” (Gregolin, 2006, p. 53). Enquanto Pêcheux (1997), com sua teoria, visa a compreender em que condições o discurso é produzido e funciona, em uma filiação mais propriamente a partir da “Linguística por meio de uma relação tensa com Saussure, Marx e Freud” (Gregolin, 2006, p. 53). Todavia, isso não implicar pensar que ambos divergem, pelo contrário, apresentam estudos fundamentais para constituição do que se concebe como domínio teórico do Discurso.

Assim, para esta análise, que parte do aspecto linguístico-discursivo, considera-se o conceito-básico de discurso, inerente à teoria pêcheuxiana, como o lugar em que se pode “observar a articulação entre língua e ideologia” (Orlandi, 2012, p. 153). Quando se imagina a linguagem em uso, em situações reais, adentra-se no campo do discurso e se torna possível observar o modo como a linguagem e o sujeito se constituem numa relação com o mundo. Para Orlandi (1987, p. 15), os discursos podem ser distinguidos quando considerados à base da relação entre o “objeto do discurso e os interlocutores”. Duas formas do que a linguista chama de processos discursivos são: o parafrástico (da própria natureza dos dizeres, pois, mesmo que com outras palavras, sempre se retorna aos mesmos sentidos) e o polissêmico (que aponta para a deriva de vários sentidos possíveis). Teoricamente, trata-se da relação dada entre paráfrase e polissemia como modos de perceber que, em um enunciado, existe a possibilidade de um peso maior ou menor de polissemia, de acordo com o critério de reversibilidade, responsável pela dinâmica dos interlocutores e por sua relação com o objeto do discurso.

Em outras palavras, os dizeres que constituem os processos discursivos abrangem vários outros discursos que circulam, neste caso, nas formas institucionalizadas de mídia. Para a realização



deste estudo, destacam-se: o discurso jornalístico, o discurso científico e o discurso de divulgação científica, noções apresentadas a seguir, respectivamente.

2.1 Discurso jornalístico, científico e de divulgação científica

É através da divulgação científica que a sociedade tem acesso às principais informações sobre as tomadas de decisão acerca da saúde pública: direitos, serviços e, principalmente, avanços em tratamentos e curas de doenças. Historicamente, a prática jornalística tem assumido essa função ou nasceu dessa necessidade, ou seja, informa à população. Talvez, por isso, o discurso jornalístico seja cercado por um imaginário social que o heroiza pela possibilidade de fazer serem ouvidas vozes silenciadas, mas não somente. Como uma de suas principais funções sociais, esse discurso circula como efeito de credibilidade entre a população. Tão perceptível e comum é esse efeito que, segundo Navarro (2006, p. 84), “o discurso jornalístico construiu, ao longo do tempo, uma imagem de confiança que – sabemo-lo – é estrategicamente ancorada em índice de objetividade”. Todavia, o autor coloca-o não apenas como tendo um efeito de verdade, mas também como sendo “autorizado” (Navarro, 2006, p. 84), a partir da sua circulação sistemática que, nos termos de Traquina (2001, p. 87), narra o “acontecimento, pelas instituições e rotinas”.

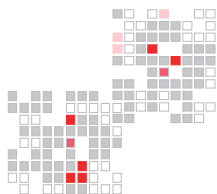
Neste trabalho, pensa-se o discurso jornalístico como um campo de articulação de saberes, no qual há interferência direta da posição que o jornalista ocupa para mediar discursos-outros. Nesse sentido, Schwaab e Zamin (2014, p. 53) compreendem “o discurso jornalístico como formador de redes interdiscursivas, por meio de retomadas, réplicas, atualizações e deslocamentos

de outros tantos já-ditos, de dizeres oriundos de campos diversos”.

Esta análise ancora-se também na noção de divulgação científica, segundo Orlandi (2001), como um resultado do jornalismo científico, a partir da posição-sujeito ocupada pelo jornalista quando interpreta o discurso científico e o transfere através de “um efeito metafórico”. Desse modo, a autora discorda do pensamento de Authier-Revuz, que pensa a divulgação científica como um processo de “tradução”. Para Orlandi (2001, p. 15), “a divulgação científica é a relação estabelecida entre duas formas de discurso – o científico e o jornalístico – na mesma língua e não em duas línguas”.

Entre a produção do jornalista científico e a do cientista se percebem amplas oscilações de linguagem e finalidade. Porém, isso não implica colocá-las em embates, pelo simples fato de que nem tudo o que é diferente pode ser considerado oposto. Para Orlandi (2001), o jornalista ocupa uma posição-mediadora, tem acesso ao conhecimento científico, de modo a transferi-lo em informação acessível, já que se dirige ao público não-especialista, ao leigo, ou seja, aproxima do “senso-comum” aquilo que o cientista disse ou fez, “mantendo, todavia, os efeitos de científicidade” (Orlandi, 2001, p. 153). Para a AD, o discurso de divulgação científica é construído a partir dos dizeres de posições-sujeito inscritas em formações históricas, ideológicas e sociais diversas.

A diferença entre o discurso científico e o de divulgação se deve, assim, a posições-sujeito distintas que “coordenam” esses discursos, a do cientista e a do jornalista, cujos dizeres estão relacionados a posições pré-estabelecidas socialmente que os determinam: o sujeito-especialista, servido da comunidade científica, e o sujeito-mediador, do veículo de comunicação. Para Coracini (1991), o discurso científico “dirige-se a um



ouvinte situável no espaço e no tempo: o grupo de especialistas na área” (Coracini, 1991, p. 57). Já o discurso de divulgação científica é capaz de atingir um público mais amplo, sujeitos de formações discursivas distintas, por ser de caráter informativo.

Em síntese, o cientista produz ciência e o divulgador, ao se apropriar desse conhecimento, transforma-a em informações científicas. Dessa forma, compreende-se que o discurso de divulgação científica é heterogêneo e, assim, traça-se o interesse de identificar de que modo essa heterogeneidade se manifesta nas manchetes das reportagens sobre a fosfoetanolamina sintética. Para observar o funcionamento discursivo, sua heterogeneidade e emergência, a seguir, apresenta-se o estudo de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade discursiva.

2.1.1 Heterogeneidades enunciativas/discursivas

É no terceiro momento da AD que se apresenta o estudo da Heterogeneidade Enunciativa, formulado por Authier-Revuz, que mostra as rupturas no processo da enunciação. Para Authier-Revuz (1990, p. 32), tal processo dá-se basicamente de duas maneiras: constitutiva e mostrada. Compreende-se, assim, que a heterogeneidade é constitutiva da língua, ou seja, trata-se daquilo que lhe é próprio, que está presente e não se pode separar. Nesse contexto, é possível afirmar que o modo pelo qual o ser humano conhece o mundo ocorre a partir da relação com o outro. Para que uma criança aprenda a falar, é necessário que ouça alguém, por exemplo. Portanto, o funcionamento da linguagem é sempre derivado de um conhecimento anterior. Fala-se porque já foi falado ou porque já se ouviu falar.

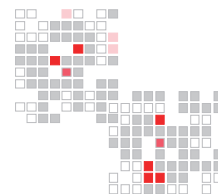
Na comunicação social, empregam-se as palavras de outrem, mobilizam-se termos de uso

comum de um meio, para dizer o que se almeja. Todavia, quem fala pensa ser a origem do que diz (Orlandi, 2007), o que pode ser questionado a partir dos estudos sobre a memória discursiva, pensada não enquanto individual e cognitiva, mas social e histórica. “E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso” (Orlandi, 2007, p. 31). Nessa relação, acontece a articulação de saberes de diversos campos e formações discursivas, perpassados por ideologias que circulam em um mesmo campo social. Portanto, pensa-se o texto como um tecido, uma trama, e no fio de cada saber emprestado a outro, nos seus cruzamentos para a produção de outros sentidos, é que se pode ver significar o interdiscurso, ou seja, a articulação de vários dizeres e várias formações discursivas.

Com isso, conclui-se que não existe pureza do/ no discurso. Assim, todo e qualquer dizer tem caráter heterogêneo, pois sempre conta com a presença de um outro em si, como será visto em seus possíveis efeitos a seguir.

3. Mediação televisiva, cientificidade e comoção social

O auge do debate sobre a fosfoetanolamina sintética acontece, no Brasil, no segundo semestre de 2015, espaço de tempo que delimita o *corpus* desta análise. No que concerne às condições de produção, o apogeu da discussão acontece devido à relevância social: a) em uma condição histórica, pelo fato de que os casos de câncer têm feito um número de vítimas cada vez maior nos últimos anos; b) como problemática de saúde pública, por envolver questões que comprometem a continuidade da vida; e c) pelas abordagens midiáticas, que começaram nos pequenos veículos; motivos estes que também justificam a relevância deste estudo. Em consonância, o interesse trazido é pela análise do discurso de divulgação



científica, muitas vezes considerado científico e, conseqüentemente, tomado socialmente como verdade absoluta.

Para a análise, como mencionado no momento introdutório deste estudo, considera-se as man-

chetes de duas reportagens televisivas. A Figura 1, a seguir, apresenta o título da primeira reportagem: “A droga da Esperança”, difundida em 14 de novembro de 2015, pelo programa Conexão repórter, da emissora SBT.

Figura 1: Manchete da reportagem do programa Conexão Repórter, do SBT, “A droga da Esperança”



Fonte: Canal do SBT, no YouTube

Para a análise da manchete, considera-se que o termo “esperança” é comumente utilizado em ações que buscam despertar a comoção social. “A Droga da Esperança” produz efeito de posicionamento do programa Conexão Repórter (e possivelmente da emissora), que faz com que se acredite na promessa da eficácia da substância como tratamento de pacientes com câncer. Frente às condições sócio-históricas, na “esperança”, o efeito de sentido atinge um deus capaz de curar todas as enfermidades, o que eleva a “descoberta” científica a esse lugar de deus, almeja-se a cura, a salvação. Espera-se da ciência o milagre da cura do câncer. E mais, o título da reportagem promete isso, a partir de sua estrutura como frase nominal, que não admite a possibilidade de inserção

da negação.

Mais ainda, o termo “droga” é polissêmico. Trata-se de uma ambivalência, visto que é ao mesmo tempo, remédio e veneno. O título é contraditório. Se, na comunidade científica, a “droga” é capaz de salvar vidas, na periferia, por exemplo, ela é responsável pela vida efêmera de muitos seres humanos. Assim, o enunciado “droga da esperança”, contraditoriamente, endeusa a ciência, pois fixa o elo entre o discurso científico e o religioso. Se a “droga” pode ter poder devastador, a “esperança” é intensificada por essa palavra, dessa vez, com sentido oposto ao que circula em torno das narrativas jornalísticas, que envolvem traficantes e usuários.

Se o enunciado fosse “Pílula da Esperança” e não “Droga da Esperança”, o sentido

produzido pelo enunciado seria mais aproximado ao âmbito científico, visto que o termo “pílula”, apesar de inscrito comumente na formação discursiva de senso comum, soa de modo a reduzir a possibilidade de uma leitura polissêmica. Aparentemente, toda “pílula” produz sentido de prevenção, tratamento ou cura, de ajudar a permanecer vivo, mesmo que intrinsecamente ligada a um grupo mais genérico, que é o da “dro-

ga”. Essa seleção lexical pode ser apontada como um cuidado, por parte do jornalista, em não afirmar um posicionamento (seu ou do veículo), de modo a produzir o efeito de imparcialidade jornalística.

A aproximação de determinados termos a formações discursivas do campo científico, ou seja, o efeito de cientificidade do enunciado pode ser discutido a partir da segunda manchete, apresentada na Figura 2, a seguir.

Figura 2: Manchete da reportagem do Domingo Espetacular, da Record, “Fosfoetanolamina”

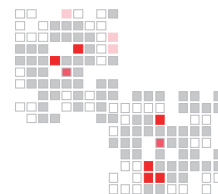


Fonte: Canal do Domingo Espetacular, no YouTube

Na segunda manchete analisada, o enunciado é um termo técnico da comunidade científica e está distante do discurso religioso. Todavia, mantê-lo acarreta algumas reflexões: nele, há uma tentativa de aproximar o discurso do cientista ao telespectador, caracterizando o que Orlandi (2001, p. 153) chama de “‘transporte’ (e não transferência)”. Corre-se o risco de o termo ser lido/ouvido com estranheza e não produzir nenhum/confuso efeito de sentido em um primeiro contato com o leigo. Preservá-lo é, ao mesmo tempo, prender-se ao pensamento de que “à medida que os escritores espalham informação fora do núcleo das dis-

ciplinas científicas, a ciência perde alguma precisão e muito jargão técnico” (Burkett, 1990, p. 8).

Se comparadas as estruturas das manchetes, considera-se a crítica de Burkett (1990, p. 8 e 64) sobre a produção de falsas ilusões de cura produzidas na medicina. Isso fica mais evidente em “A Droga da Esperança”, que funciona de modo a causar comoção social nos telespectadores; enquanto o enunciado “Fosfoetanolamina” testifica que toda ciência acaba por criar sua própria terminologia, necessária para auxiliar e até otimizar a comunicação dentro daquele grupo de profissionais (Coracini, 1991). Entretanto, como



título de uma reportagem voltada à divulgação, o termo significa de forma diferente, podendo até não-significar. Desse mesmo modo, enquanto a primeira manchete reformula o enunciado científico e produz o efeito de apelação à crença e ao endeusamento da ciência, aproximando-se mais do telespectador e do senso comum; a segunda mantém o termo técnico e, assim, distancia-se do público mais leigo ou se aproxima de um público não tão leigo, diferente daquele projetado pela primeira.

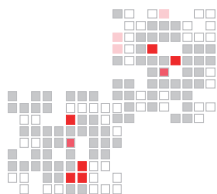
Na construção da cientificidade, percebe-se o enunciado “fosfoetanolamina” como um simulacro do discurso da ciência: uma tentativa de atrair a atenção do telespectador para o “desconhecido”, em que se produz – transporta? (Orlandi, 2012) – um efeito-verdade que circula no discurso científico pela carga de cientificidade. Contudo, para Orlandi (2001), o telespectador não sente a necessidade de assumir a posição do cientista. “Ele precisa ousar interpretar” (Orlandi, 2001, p. 158) o processo científico a partir de outra perspectiva, a da cientificidade construída pelo sujeito-mediador, ou seja, pelo divulgador de ciência, pelo jornalista científico.

É perceptível que a produção de um efeito de cientificidade é predominante no enunciado “fosfoetanolamina”, portanto, sua proximidade com o discurso científico pode ser considerada maior quando comparado à manchete “A Droga da Esperança”. Contudo, pode-se dizer que esta envolve e informa mais o telespectador do que aquela, principalmente pela “didatização da ciência” (Orlandi, 2001, p. 158), já que, segundo Zamboni (2001, p. 52) nomes de cientistas e termos científicos emprestam ao discurso de divulgação científica “um ‘efeito real’ do discurso da ciência”.

A análise aqui desenvolvida, embora breve, permite compreender como as manchetes abor-

dados são formuladas e de que modo circulam: “A Droga da Esperança” é um enunciado composto por dois termos-chave, o primeiro, “droga”, aponta para um efeito de polissemia, pois, quando deslocado, sofre “ruptura de processos de significação” (Orlandi, 2007, p. 36). No senso comum, o referido termo produz efeito de sentido de morte, de dependência que causa debilitação da vida e outros efeitos negativos, diferentemente do que ocorreria se o termo enunciado fosse “pílula”, por exemplo, que produziria outros sentidos, como o de prevenção, tratamento e cura. Na formação discursiva da divulgação científica ou na própria comunidade científica, entretanto, o sentido produzido é totalmente oposto, como trocadilho à manchete, esperança de vida. Já o segundo termo, “esperança”, soa praticamente imutável seja qual for a formação discursiva em que seja enunciado. “Esperança” atrela-se sempre a algo que se almeja, no caso da manchete, a cura do câncer. Então, o que promove ou desperta comoção é a promessa da esperança na droga, porque esta produz o sentido milagroso na/dia ciência. Portanto, acontece o endeusamento da ciência. Assim, nesse enunciado, a heterogeneidade funciona apelando à memória discursiva da esperança na salvação.

No que diz respeito a “Fosfoetanolamina”, trata-se de um termo que pertence à comunidade científica e *a priori* pode não significar muita coisa para o telespectador leigo. Soa estranho. Por não ser comum, como no caso do termo “droga”, já inscrito nas formações discursivas e nas mais diversas posições, de imediato pode não levar muitas informações para o telespectador leigo, não familiarizado com termos científicos, sujeitos fundados na formação de senso comum. Outros telespectadores, que estão mais familiarizados com termos científicos e que se propõem a acompanhar as descobertas científicas, todavia,



podem ser atraídos pelo efeito de verdade que funciona como uma produção de sentido, por aparecer exatamente dessa forma e não como na outra manchete.

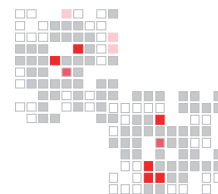
Dito de outro modo, para Orlandi (2001), trata-se de um “transporte” do termo que circula na formação discursiva da ciência para uma formação discursiva-outra, que é a de divulgação científica. Pensa-se, assim, que diferentemente da manchete anterior, esta produz um efeito de verdade, portanto, de credibilidade aos sujeitos que se consideram incrédulos ou cientificamente mais esclarecidos. Produz-se um peso maior de credibilidade pela escolha lexical do termo técnico, mesmo que a metalinguagem não tenha aberto caminho para a terminologia como aconteceu na outra manchete.

4. Considerações finais

Da análise, percebe-se o complexo processo que envolve a divulgação científica, como também a importância da prática jornalística e sua função social. Estudos como este oportunizam refletir sobre o processo de comunicação e mediação dos saberes: aqui o saber médico e o saber jornalístico que, uma vez institucionalizados, são partes constituintes e regentes da sociedade. O papel exercido pela ciência, mais especificamente, pelo saber médico, por exemplo, age pela preservação e garantia da vida e isso é, em geral, considerado o maior valor que se tem – o bem vida. Logo, deveria interessar a todos os indivíduos sociais cada passo da ciência a respeito do assunto. Talvez, esteja imbricada nesta necessidade a maior função do jornalismo de divulgação científica, a de tornar esse conhecimento acessível, compreensível para a população.

Como apontado na análise, em alguns casos, a falta de familiaridade com o processo de formulação e divulgação de assuntos relacionados às descobertas médicas faz com que jornalistas fomentem, por meio da prática de divulgação científica, falsas ilusões (Burkett, 1990) relacionadas, principalmente, aos prematuros estudos da medicina. Isso implica em frestas para especulações acerca do assunto, como foi no caso da fosfoetanolamina. A análise desenvolvida aqui – na interface entre os estudos da linguagem e da comunicação, pela via do discurso – pode ser tomada no domínio universitário, por estudantes que almejam seguir a carreira profissional como divulgadores de ciência, para que se constituam bons colaboradores.

Essa relação, vai ao encontro do que propõe Oliveira (2005), quando trata da importância não apenas da boa técnica de redação, mas de o jornalista científico ter “considerável familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica, conhecimento da história da ciência, de política científica e tecnológica, atualização [...] sobre os avanços da ciência” (Oliveira, 2005, p. 43), assim como uma relação de confiabilidade com os cientistas. Logo, pensa-se na formação acadêmica como o momento no qual futuros profissionais de jornalismo, que assumem uma posição social privilegiada, podem refletir, a partir de uma ancoragem discursiva, sobre como têm funcionado os processos de comunicação, uma vez que as noções abordadas na análise deste trabalho podem ser pontos de partida para outros segmentos do jornalismo, que não apenas a divulgação científica.



Referências

- ABRAMUNDO, Instituto. *Indicador de letramento científico: relatório técnico de 2014*. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/Relatorio_Final_ILC_JUL2014.pdf>. Acesso em: 11 jan.2019.
- A DROGA DA ESPERANÇA. Jornalista: Roberto Cabrini. Produção: Conexão Repórter: SBT, 2015. *Youtube*. A droga da esperança – parte 1 (21min 52seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yDfR8fPIC_A>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- A DROGA DA ESPERANÇA. Jornalista: Roberto Cabrini. Produção: Conexão Repórter: SBT, 2015. *Youtube*. A droga da esperança – parte 2 (19min 15seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WXMSZypimDQ>>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- A DROGA DA ESPERANÇA. Jornalista: Roberto Cabrini. Produção: Conexão Repórter: SBT, 2015. *Youtube*. A droga da esperança – parte 3 (12min 18seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B2DgcAOA6Lk>>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul-dez, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- BRASIL. Câmara dos deputados. Projeto de Lei 4510/2016, de 23 de fevereiro de 2016, que dispõe sobre o uso passivo da fosfoetanolamina sintética por parte de pacientes com câncer. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2077766>>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- BURKETT, Warren. *Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Trad. de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ – Campinas/SP: 1991.
- FOSFOETANOLAMINA. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006. 2ª edição.
- NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre “a aventura do discurso” e os dispositivos de interpretação da AD. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudo dos textos do discurso: mapeando conceito e métodos*. São Carlos: ClaraLuz. 2006. p. 67-92.
- NOVAS revelações sobre a fosfoetanolamina. Jornalista: Patrícia Ferraz. Produção: Domingo Espetacular: Record, 2015. *Youtube*. (17min 22seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7_YRisdeSak&t=155s>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo científico*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. A Análise do Discurso: três épocas [1983]. Trad. de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997. p. 311-319.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª edição. Campinas: Pontes, 1987.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7ª edição. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2012.
- SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso Jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. *Revista Vozes e Diálogos*. Itajaí, v. 13, n. 01, jan-jun. 2014. p. 49-62.
- TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.
- ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

